

BIOLÓGICOS OU AFETIVOS: O SIGNIFICADO DA FILIAÇÃO PARA HOMENS GAYS

Selma Reis Magalhães

*Doutoranda em Família na Sociedade Contemporânea pela Universidade Católica do
Salvador (UCSAL)*

e-mail reisselma@yahoo.com.br.

RESUMO:

O artigo propõe uma discussão sobre o significado do filho na vida do homem gay, a partir do debate entre os novos arranjos familiares. Perceber as peculiares do universo estabelecido para a relação pai-filho quanto à construção de identidade. A simbologia do pai-mãe-filho biológico representa o modelo perpétuo dos personagens que compõe o núcleo familiar no construto social. Essa representação opera com carga emocional que proporciona instaurar uma relação segura no mundo das representações e do afeto. É preciso reconhecer dentro de uma estrutura complexa, o sentido do filho na vida do homem gay, como se estabelece o vínculo sentimental que se sobrepõe as sexualidades e às relações de consanguinidade, isto porque o desejo de ser pai pode ou não é um anseio natural ou uma construção social para qualquer homem, independente da sua opção sexual.

Palavras-chaves: Paternidade. Masculinidade. Parentalidade

ABSTRACT:

This article propose a discussion about the meaning of a son in a gay man life, starting the debate between the newest familiarly arrangements. Realize the peculiarly established universe in a father-son relation as the identity construction. The biological symbolism of father-mother-son represents a perpetual character model that compose the nuclear family in a social construct. That representation operates with emotional charge that provides a secure relation in the world of representations and affects. It must be recognize within a complex structure, the meaning of a son in a gay man life, as it establish a sentimental link that overlaps sexuality and consanguinity relationships, that because be a father desire may or may not be a natural desire or a social construction for any man, regardless of their sexual orientation..

Keywords: Fatherhood. Masculinity. Parenthood.

INTRODUÇÃO

Estudo sobre família amplia vários debates nas mais diversas áreas do conhecimento, isto porque como núcleo de convivência, ela atinge as esferas públicas e privadas da sociedade. A estrutura familiar é pensada a partir dos laços de afeto e consanguinidade. Belardinelli (2007), Petrini (2004), Roudinesco (2003), abordam a família como um fenômeno universal que supõe uma aliança entre as partes e filiação como processo sobre qual repousa a concepção naturalista da diferença entre os sexos, por conseguinte darão continuidade ao processo social das alianças, transformando a família em um tecido relacional social.

A paternidade, por exemplo, é considerada divina e natural que sacralizava a masculinidade e o casamento. Roudinesco (2005) coloca que nas sociedades pós-industriais sem a ordem paterna, a família é mutilada, pervertida em sua própria função de célula de base social. A virilidade e a reprodução, apesar de ter um lugar simbólico dentro do imaginário social, são naturalizadas e geraram relações de poder para a constituição familiar.

Entretanto, Bruschini (1990) enfatiza que a família pode ser entendida no seu sentido mais geral, como um agrupamento de indivíduos ligados por elos de consanguinidade, adoção ou aliança (casamento) socialmente reconhecidos e organizados em núcleos de reprodução social. O modelo nuclear burguês que a sacralizou na reprodução, no consumo e na divisão sexual do trabalho, gerou no ambiente familiar os diferentes papéis, previamente definidos, os sexos distintos e as funções paternas e maternas.

Segundo Sousa Filho (1995), um discurso ideológico construído produz assimetrias entre os atores e atenta-se para uma arena discursiva de significados ou significações de ordem simbólica. O papel do pai atende a essa ordem simbólica de poder quando evidencia a soberania divina e o lugar central que ele ocupa na família e no universo do filho. Naturalmente ao homem foi conferido o status de identificador da família, ocupando hierarquicamente o poder sobre a mulher e os filhos, como o “provedor”.

"Homem, masculino e pai são qualificações que definem um modo de inserção do sujeito na cultura da qual ele faz parte [...] juntas definem um padrão de comportamento a ser seguido pelos homens" (NOLASCO, 1995, p. 151). Evidencia-se a constituição social na distinção dos papéis que são atribuídos ao homem e a mulher, por meio de construções sociais de gênero no que tange às atribuições do masculino e do feminino, a partir da concepção das diferenças sexuais. As construções de gênero, baseadas no modelo patriarcal, concedem ao homem heterossexual o poder de ser pai e ocupar um lugar de respeito e de autoridade sobre a família. Entretanto, Badinter (1996) lembra que nas famílias marcadas pelo patriarcado a

criança tornava-se propriedade exclusiva da mãe, cabendo-lhe a educação e a manutenção da harmonia nas relações parentais do lar.

No imaginário social, o discurso comum se apropria do fator biológico para as funções do homem e da mulher na vida da criança, além de criar representações de gênero como verdades absolutas. Dentro dessa concepção, a criança precisa da imagem do pai e da mãe para o seu bom desenvolvimento físico e psicológico; ou a figura do pai e da mãe é imprescindível para que a criança tenha em si o sentido de família e pertencimento. São discursos construídos e que vem ratificar a disputa de poder na organização simbólica da família.

A partir daí, surge o paradoxo em torno das famílias monoparentais, homoparentais e reconstituídas e as funções paternas. Qual a imagem que o novo companheiro da mãe ou do pai reflete na criança ou adolescente? Que papel o novo companheiro da mãe ou do pai assume nesse cenário familiar? “Os laços contraídos pelos indivíduos entre si atestam as dificuldades de construção da identidade em um mundo marcado pela pluralidade e por alterações significativas na institucionalidade” (FRIDMAN, 2000, p. 63).

A identidade, portanto, pode ser pensada a partir de um conjunto de referências de identificação dos indivíduos, podendo ser cristalizada ou remodelada pelas relações sociais e inseridas num contexto grupal, tornando-se sujeita de tal construção coletiva. Se o próprio grupo social pertence à categoria do outro, é necessário ter a percepção das diferenças através das trocas e mediações que se estabelecem com o outro, que também possui identidade própria.

[...] a identidade não é uma essência; não é um dado ou um fato – seja ela da natureza, seja da cultura. [...] A identidade tampouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental. Por outro lado, podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato formativo. [...] A identidade está ligada a sistemas de representações. A identidade tem estreita conexão com relações de poder. (SILVA, 1999, p. 96-97).

Um aspecto importante a ser observado é a identidade masculina que está sempre apoiada na posição heterossexual, em que, segundo Badinter (1996), está associada à penetração, dominação e afirmação da virilidade. Entretanto, Tadeu Silva (2000) considera que a questão da identidade é um problema social de um mundo hegemônico em que o problema central é a rejeição por incapacidade de conviver com a diferença, gerando sentimentos de discriminação, preconceitos, crenças distorcidas e estereótipos.

As diferentes composições familiares, hoje, tem como foco de atenção o indivíduo. Como qualquer processo de identidade, se constrói no plano simbólico no contato com o

outro, no contraste com o outro, na negociação, na troca, no conflito e no diálogo. A multiplicação das formas familiares atuais na sociedade traduz a ideia de um indivíduo que se relaciona consigo e estabelece um diálogo a partir da nova realidade que se formam no interior da sua família e das novas relações sociais que esta constitui com o espaço público.

O QUE É SER PAI?

A família que caracterizava um Brasil rural, colonial, era tida como uma espécie de alicerce da sociedade brasileira. Um modelo que regulamentava as relações entre os sexos e as relações de parentesco (PETRINI, 2004). Período em que é observada a extrema dependência da família sobre a figura do pai, visto como autoridade, domínio ou como garantia da defesa da propriedade e da família. A passagem do modelo patriarcal para a família nuclear urbana marca um início de transformações sociais, culturais e econômicas que atende às exigências da sociedade moderna e burguesa.

Com a intensificação dos movimentos sociais na segunda década do século XX, são intensificados os debates quanto às relações sociais de gênero, as novas configurações familiares e o cuidado com as crianças. “O pai provedor” cede espaço para os debates em relação ao papel do “pai novo”, aquele que compartilha com a mãe os cuidados com os filhos e filhas. Segundo Goldani (1994), as famílias brasileiras passam, a partir do início dos anos 90, por um processo de modernidade em que há uma diminuição do tamanho da família e uma diversificação dos arranjos domésticos e familiares.

O “novo pai”, nas pesquisas de Garcia (1998) torna-se objeto de novos estudos sobre as masculinidades e a pluralidade de significados até então naturalizados nos discursos dominantes para as funções do homem-pai. Segundo o autor, os pais dos anos 80, por exemplo, principalmente os de escolaridade superior, apresentam relações afetivas mais intensas nas relações com os filhos. Outras pesquisas como a Hurstel (1999, p. 216) indicam que “os pais dos anos 80, casados, concubinas ou tendo vivido um ciclo de recomposição familiar, testemunham uma ruptura voluntária com a herança familiar.”.

Do ponto de vista sociológico, é importante pensar também o lugar social e simbólico dos homossexuais, sua identidade social com suas múltiplas incorporações, imagens e personificações. Uma trajetória histórico-social que trafega desde a construção demoníaca, anormal, doentia, viciada do homem-homossexual até chegar a debates que começam a visualizar esse mesmo indivíduo como parte de uma sociedade que pleiteia por direito em

relação a sua construção de vida, dentre as quais está o projeto de paternidade, numa sociedade marcada pela ortodoxia da dominação, procriação, educação e cuidados como funções básicas do par homem-mulher na constituição familiar.

De acordo com Tarnovski (2002), a sociedade não pode mais pensar que homem que gosta de homem não possa ter tido incursões pela paternidade, nem os indivíduos, ao reconhecerem-se homossexuais, atribuam o sinônimo de vida sem filho. Hoje, as posições sociais atribuídas à paternidade permitem novas possibilidades de agenciamento do gênero, abrindo outros caminhos no trânsito das hierarquias sociais. Na análise do processo histórico-social e dos contextos políticos e nexos simbólicos, busca-se, na contemporaneidade, compreender a lógica da oposição entre as condições reais de cuidado, formação e educação entre os pais heterossexuais e homossexuais.

A realidade social nos incita a problematizar as novas configurações de famílias, desvinculadas de seus paradigmas originários - casamento, sexo, procriação – e atreladas às relações de afetividade, carinho e amor como bases para se chegar à definição de núcleo familiar. “Hoje o desafio parece outro. Manter um relacionamento e compor uma família exige decisões, disponibilidade, projeto comum” (UZIEL, 2007, p. 13). Os desafios ocorrem em decorrência da evolução dos valores culturais que operam nos sistemas histórico-sociais e impõe que os ditames comportamentais sejam alterados. O vínculo afetivo talvez seja um dos fatores para esse novo repensar a família. Segundo a desembargadora do Rio Grande do Sul Maria Berenice Dias, o afeto é o elemento norteador da relação e independente da capacidade reprodutiva, a relação tem assegurado o direito de constituir uma família.

Para muitos pais gays é um absurdo atribuir somente aos heterossexuais os atributos de pais zelosos, afetuosos, responsáveis, se entre eles também existem a violência, a pedofilia, o abandono e o desafeto. É preciso que a sociedade procure responder afirmativamente às questões urgentes, visíveis e preocupantes da sociedade, como foi retratado anteriormente. A família é o porto do qual se quer afastar, mas ao qual simbolicamente se pode voltar. Isso equilibra as referências, ainda que pesem as violências cotidianas que comportam mescladas a afetos, dádivas e sacrifícios por parte dos seus integrantes. (CASTRO; MIRANDA; ALMEIDA, 2007, p. 60). O desejo de ser pai é um anseio natural para qualquer homem, independente se ele é homo ou heterossexual.

A paternidade responsável se expressa através do vínculo sentimental entre pais e filhos que pode, muitas vezes, se sobrepor às relações de consanguinidade, transformando a família em um núcleo socioafetivo que transcende a todas as formalidades. Estudos etnográficos mostram que existem sociedades em que grupo doméstico coincide com a

unidade de reprodução, mas não com a unidade de parentesco; outras sociedades, o grupo formado por marido, mulher e filhos é uma unidade de reprodução, herança e descendência, mas não de produção, residencial, pois imperam na aldeia de habitações coletivas.

De acordo com Singly (2000), as mudanças observadas na família ao longo da segunda metade do século XX, sobretudo nos países ocidentais, se caracterizou na centralidade da lógica do grupo familiar em torno do amor e da afeição, grupo estruturado na conjugalidade (com atribuições diferenciais por sexo) e na filiação que se estrutura em torno de um casamento e das funções que as partes exercem no seu interior. Na família pós 60 o seu elemento central não é mais o grupo, o seu espaço privado está a serviço do indivíduo. Chega-se ao século XXI com a família pluralista, como tem sido chamada, pelos novos arranjos familiares, onde se insere a “família gay”.

SER PAI E SER GAY, EIS A QUESTÃO.

A paternidade gay é pensada a partir da construção social da sexualidade, como é produzida, considerando a dicotomia cultura-natureza e o papel da produção do paradigma heterossexual na conjuntura social. Segundo Carrara (2005), as transformações sociais que atravessam o Brasil atualmente, os processos de importantes redefinições da ética social e da política sexual, a crescente organização e o aumento da visibilidade das “comunidades homossexuais brasileiras” começam a colocar mais incisivamente inúmeros desafios institucionais.

Uziel (2007), por exemplo, ao pesquisar sobre homossexualidade e adoção, esclarece que a ideia de rede em relação às novas constituições familiares parece inovadora, por articular novas conjugalidades, relação de filiação e de parentesco. Os novos arranjos familiares, incluindo aqueles que são compostos por pais gays, adquiriram visibilidade com o crescimento e a força que o movimento vem ganhando nos últimos anos. A autora enfatiza que: “hoje são três possibilidades de um/a homossexual ser pai/mães: os filhos de uma união heterossexual anterior, pela adoção ou através da tecnologia” (UZIEL, 2007, p. 16).

O pai gay aparece nesse cenário como estudo das representações sociais dos novos arranjos familiares que tem por base o afeto e/ou o vínculo biológico.

Segundo, “a construção teórica destes objetos e o estudo empírico dos fenômenos que lhes correspondem não deixa de levantar uma interrogação sobre sua relação com as representações individuais e sobre o estatuto concedido ao sujeito

enunciador e produtor das representações, seja ele individual ou social.” (JODELET, 2009, p. 680)

A singularidade do objeto está na construção das identidades em relação à dicotomia entre paternidade e a condição homossexual do homem. O vínculo familiar que liga o adulto (pai) à criança, e ultrapassa o fator biológico e a ação jurídica da adoção, porque paira sobre uma dimensão mais ampla, quando atinge a natureza afetiva.

Observa-se que a paternidade e a filiação, na natureza socioafetiva, passam a ser entendidas a partir do pressuposto que pai não é aquele que gera somente, mas também o que cria, dá amor, carinho e afeto. O fator biológico pode estar presente, quando se defende a normatividade da heterossexualidade, entretanto, há de convir que mesmo dentro dos relacionamentos sexuais entre pessoas de sexos opostos, existe a fecundação sem planejamento da concepção, onde muitas crianças não são reconhecidas pela paternidade, salvo quando são solicitados exames de DNA. Portanto, o significado de ser pai vai muito além do provimento de alimentos ou outras necessidades materiais. Envolvem valores, sentimentos, troca entre eu e o outro e a singularidade da pessoa.

METODOLOGIA

A pesquisa não apontou outro caminho senão uma abordagem de natureza qualitativa, com o intuito de perceber as particularidades do universo homossexual, captar os significados produzidos nas relações de forma mais profunda a alcançar mais que seus aspectos visíveis e quantitativos. Segundo Minayo (1999), no mundo das ações humanas, existem situações não percebíveis ou captadas pelas estatísticas. A diferença entre qualitativo e o quantitativo é de natureza, pois enquanto a estatística apresenta os fenômenos das regiões visíveis, a abordagem qualitativa aprofunda no mundo das significações as ações e relações humanas.

Reconhecer mudanças no modo de abordar a sexualidade na sociedade ocidental contemporânea não implica endossar à ideia de uma total transformação nos padrões de comportamento condicionada às demarcações sociais e culturais, principalmente no que diz respeito às diferenças sexuais. Entre as várias vertentes sobre sexualidade é importante compreender a pluralidade que o termo homossexualidade traz nas suas entranhas. De acordo com Zambrano (2006), por exemplo, o homossexual gay ou lésbico, apesar de se sentirem atraídos sexualmente por pessoas do mesmo sexo, não deixam de ser homem e mulher. Entretanto, para os travestis e os transexuais a identidade feminina é mais acentuada. Para eles, são vítimas de um “erro da natureza”, tendo nascido com um corpo trocado: alma de mulher em corpo de homem. Os transexuais têm a necessidade permanente de provar que a

sua “alma de mulher” provém desde o nascimento, legitimando as suas demandas frente às instituições médicas e jurídicas (cirurgia de transgenitalização e troca de documentação).

Diante da pluralidade de categorias que compõe o universo homossexual, o gay chama mais atenção para os construtos sociais da paternidade e filiação em relação à homossexualidade, isto porque o homem *gay* não se torna mulher por ter o seu desejo sexual orientado para a pessoa do mesmo sexo. No processo de filiação, ele é o pai (biológico ou adotivo) reconhecido por lei.

Metodologicamente, a pesquisa apoia-se em entrevista semiestruturada com intuito de identificar elementos qualitativos sobre a paternidade gay; os valores heteronormativos que organizam e modelam esses sujeitos.

A entrevista, por ser uma técnica que parte de questionamentos básicos, está apoiada em teorias e hipóteses, oferecendo ao trabalho amplo campo de possibilidades de confirmar ou negar as hipóteses formuladas durante a fase de elaboração do projeto de pesquisa.

Podemos entender por entrevista semi-estruturada, em geral, aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. Desta maneira, o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar da elaboração do conteúdo da pesquisa. (TRIVIÑOS,1987, p.146)

As entrevistas semiestruturadas, por serem muito utilizadas quando se deseja obter um direcionamento maior para o tema, possibilitam maior proximidade entre entrevistador e entrevistado, além de permitir ao entrevistador tocar em assuntos mais complexos e delicados. “Pesquisas qualitativas na Sociologia trabalham com significados, motivações, valores e crenças e estes não podem ser simplesmente reduzidos às questões quantitativas, pois que, respondem a noções muito particulares”. (BONI; QUARESMA, 2005, p.70)

As entrevistas com os pais homossexuais constituíram-se numa etapa bastante trabalhosa, por requerer tempo e alguns cuidados, como a escolha dos entrevistados, a disponibilidade deles em fornecer a entrevista e a preparação dos roteiros, tendo em vista os objetivos a serem alcançados. Por fim, para participar da pesquisa, os sujeitos deveriam se identificar como homossexuais, terem filhos biológicos, guarda consentida ou filhos adotivos.

Para captação dos sujeitos foram utilizados como critérios o que na linguagem popular costuma-se chamar “bola de neve”. Através de um amigo homossexual, com uma vida estável com o companheiro a mais de dez anos, apesar de não terem filhos, os primeiros contatos com os pais gays foram mantidos. Primeiro com um pai biológico, que tinha dois filhos,

precisamente um casal; depois uma com pai de guarda consentida, com um filho. Os demais contatos aconteceram no ambiente de trabalho, ou seja, nas escolas públicas e particulares em Salvador onde leciono e em cursos de extensão sobre diversidade sexual, direitos humanos. Contatos também foram mantidos no centro religioso e no salão de beleza

As entrevistas foram realizadas individualmente, a partir do conhecimento prévio dos entrevistados. Foi utilizado um roteiro de entrevista, o termo de consentimento livre e esclarecido em duas vias, assinadas ao término da entrevista, tornando-se conscientes da possibilidade de publicação da pesquisa.

Alguns entrevistados homossexuais solicitaram que não fossem divulgados os seus nomes publicamente para preservar a sua identidade e a do filho, por isso, na produção textual foram utilizadas as iniciais dos nomes dos participantes, com pequenas alterações na ordem. Segundo Gauthier (2004), ao realizar uma pesquisa de cunho sociológico, a neutralidade não existe e a objetividade é relativa. As maneiras como produzem o sentido de suas palavras em complexos processos de lucidez, negociação e identificação precisam ser mediadas pelo pesquisador na escrita final, cuja existência não teria sido possível sem a participação e colaboração na pesquisa.

A pesquisa é um mergulho no universo desconhecido pela pesquisadora, exigindo uma aproximação baseada na simpatia, confiança, afeto, amizade e empatia, tornando-se um grande desafio, porque quebra estereótipos produzidos quanto à possibilidade da existência de um filho no universo de um homem gay.

DISCUSSÃO DOS DADOS

A partir das entrevistas, pode-se traçar um perfil parcial do significado do filho para um homem gay. Isto porque, mesmo pertencendo à mesma categoria de análise, ou seja, são pais gays com filhos, e indo buscar esses atores nos debates sobre direitos de filiação e parentalidade entre pessoas do mesmo sexo, nas ciências e na sociedade pelo senso comum, os participantes da pesquisa divergem sobre a problemática e elucidam as diversas perspectivas quanto ao significado do filho em suas vidas.

Leva-se em consideração que no imaginário social a masculinidade está atrelada à construção da identidade que envolve, na dinâmica paterna, a “figura do macho”. Durante a pesquisa, encontrei homens que tiveram experiência conjugal com o sexo oposto e os filhos dessa união nasceram em virtude da necessidade de prestar contas aos pais da sua

masculinidade e não deixar a família passar pelo constrangimento perante amigos, parente e vizinho por ter um filho homossexual. E.M.P, 53 anos, pai de dois filhos naturais, afirma que a representação de “ser pai” partiu dessa necessidade:

[...] a questão do optar pelo casamento formal era evidente, por que você mesmo dizia para você, que você precisava casar, por que você tinha uma mãe para dar satisfação, uma irmã que precisava se vista na sociedade, como uma menina normal que não é irmã de um homossexual. Ah... Seus pais precisavam conviver com a vizinhança, sobretudo que o seu filho, o primogênito casou lhe deu netos e que tudo poderia sentar-se à porta de casa na cidade do interior, e dizer: meu filho casou, meu filho tem filhos, porque era isso que todo o mundo esperava que seus filhos fossem. (E.M.P, 53 anos)¹

Observa-se, entretanto, no discurso real do senso comum, que o sentido de família é sancionado, conforme esclarece Roudinesco(2003), na reciprocidade dos sentimento e desejos carnis por intermédio do casamento. O medo pela rejeição da família define no âmbito social a postura, os tabus, valores e reflexos que serão estabelecidos àqueles (as) sujeito (as), sem levar em consideração a baixa estima e as dificuldades nas relações interpessoais.

O antropólogo Luiz Mott, em vários artigos sobre homossexualidade, aponta que a discriminação e o preconceito que verificamos através das nomenclaturas de “viado”, “bicha”, entre outros que são proferidas aos homossexuais, são frutos da educação familiar, principalmente quando o pai descobre que o filho é gay ou lésbica e o insulta, espanca, expulsa de casa, cria uma situação problema dramática.

O mesmo entrevistado, quando questionado sobre a presença do filho na vida de um casal homossexual, demonstrou na sua fala receio, apesar de ter filhos de um casamento heterossexual, por acreditar na extrema responsabilidade, por estar incluso o sentimento de família, a construção simbólica da presença de um homem e uma mulher na vida dessa criança, nos cuidados e afetos com aquele novo indivíduo que é o filho.

[...] trazer para um relacionamento uma criança, não é uma coisa tão simples, é uma atitude de grande responsabilidade e o casal precisa ter realmente consciência do que eles dois representam um para outro e se sentimento de família é necessário, se precisa realmente existir, eu digo família no caso de não apenas dois, mas um terceiro ser.” (E.M.P, 53 anos)²

Há também a preocupação com o sentimento de pertença da família, principalmente porque esse filho advindo da relação com o companheiro, no caso filho adotivo, para ele, ocupa e compartilha os espaços físicos e subjetivos antes reduzidos à intimidade dos dois.

¹ Pai homossexual, com dois filhos biológicos. Entrevista dia 25 de outubro de 2008.

² Pai homossexual, com dois filhos biológicos. Entrevista dia 25 de outubro de 2008.

Essa questão vai ao encontro ao que aponta Mello (2005) sobre o mito do complemento dos sexos. Nas entrelinhas das expressões e fala, restringe aos pares distintos a competência moral e social no desempenho das funções atribuídas para a presença e os cuidados de um filho em sua vida. Na relação anterior esse processo se dá de forma naturalizada e é um atributo que evidencia a virilidade e a figura do macho perante a família de origem. A mãe nesse cenário é de extrema importância, ratifica as atribuições familiares como tarefas domésticas e cuidados dos filhos enquanto tarefas exclusivamente femininas.

É preciso observar na fala que a sexualidade transita pelos espaços familiares como parte constituinte das identidades tradicionais. Os indivíduos aprendem desde infância que sexo e sexualidade são a mesma coisa. As duas palavras são definidas através dos órgãos sexuais do homem e da mulher. O mesmo acontece quando se projeta ser pai ou mãe: há o difícil processo de decodificar as funções e perceber as múltiplas possibilidades nas relações humanas para se viver os papéis de homem e de mulher, incluindo as uniões entre pessoas do mesmo sexo com parentalidades.

Na maioria das entrevistas com os pais homossexuais biológicos ficou evidente que não existia, para eles, projeto íntimo de ter filhos, mas sabiam que poderiam se tornar pais mediante as circunstâncias que os levaram a assumir perante as famílias de origem e a sociedade o casamento. A imagem da paternidade foi mencionada como uma experiência negativa para o indivíduo. A presença de um filho na sua vida representava uma invasão de privacidade e uma vinculação maior com a necessidade de ter maior responsabilidade.

“Porque no meu caso, o filho não estava dentro da minha relação” (M.C., 40 anos)³

A chegada de um filho não foi festejada, mas recebida como resultado de um ato arbitrário, isto porque houve um corte nos seus projetos de vida pessoal. Ser pai representou naquele primeiro instante do recebimento da notícia a perda que desencadeou uma crise de identidade, simbolizando a oposição a sua condição sexual e a função paternal.

O mesmo discurso foi mantido pelos pais homossexuais adotivos. Sentir-se “pai”, pensar um filho para eles, no início gerou uma série de conflitos interiores e busca de si mesmo. Assumir uma criança em suas vidas foi para A.N.C, 39 anos uma representação negativa, carregada de preconceitos. Pensava nos problemas que recaem sobre a imagem do homossexual e a figura paterna, os estereótipos criados de abusos sexuais e a transmissão de sua sexualidade ou orientação sexual ao filho(a).

³ Pai homossexual com um filho biológico. Entrevista 08 de novembro de 2008.

Essa é uma história assim muito engraçada, porque eu sempre dizia que eu nunca iria ser pai, é...[...] (A N.C. 39 anos)⁴

É preciso também construir estratégias que vão de encontro com a especificidade da questão. Mello (2005, p. 19) “evidencia que os confrontos entre sujeitos sociais que possuem distintas concepções de família, emergem também como a materialização ideológica entre visões de mundo excludente e includente”. A chegada de uma criança na vida dos atores que dentro do construto social, por serem gays, não era concebível, torna-se excludente até do ponto de vista pessoal. A função paternal não tem espaços em suas vidas e chega a ser assustador e desgastante quando a presença de uma criança, na condição de filho, passa a ser real:

Não tinha projeto nenhum! Eu peguei acidentalmente, e aí complicou minha vida. Eu corria pro trabalho, eu corria pra escola, eu corria pro...pra...pro trabalho de novo, pra pegar na escola. Aí começou esse processo de...na verdade, no início foi um desgaste pra mim. [...].(M.V., 60 anos)⁵

Esse primeiro momento na vida dos depoentes é um momento de desconstrução, inquietação e sofrimento. A experiência de serem pais para vários sujeitos aparece como uma “provação”. Entretanto, após a acomodação da realidade, o sentido do filho em suas vidas representou uma naturalização da paternidade. O novo indivíduo passou a ser visto como uma construção afetiva para se sentirem família. Sem uma real necessidade do fator biológico ou orientação sexual o vínculo entre pai-filho modificou seus conceitos quanto às representações de “ser pai”.

Ressalta-se que o afeto não decorre da genética, mas dos laços de afeto que derivam da convivência. A paternidade para os depoentes começou a envolver a constituição de valores e singularidades da pessoa e de sua dignidade humana, adquirida pelos laços que unem a relação paterno-filial. Para cada um deles, a experiência começou a ser uma conquista e ganhou grandeza nos detalhes.

[...] A história com meu filho aconteceu: Eu trabalhava na (...), ele era habitante da (...), e começou assim, por um cuidado especial, por ele ter um problema de visão, e desse cuidado a gente foi se vinculando, se vinculando e quando chegou um determinado momento, a assistente social virou pra mim e disse: Você tem intenção

⁴ Pai homossexual com um filho adotivo. Entrevista 12 de fevereiro de 2009.

⁵ Pai homossexual com um filho guarda consentida. Entrevista 07 de fevereiro de 2009.

de adotar? [...] E aí foi quando eu parei e na época assim, eu fiz uma viagem pra fora do Brasil, passei três meses fora do Brasil e senti muita falta (A N.C. 39 anos)⁶

Eu levei três meses sem conseguir dormir direito, porque ele dormia segurando aqui em mim. Na cueca...ou na...no com o que eu tivesse dormindo, de short, ele ficava ali agarrado, não largava com medo de tirarem. Quando o rapaz foi buscar ele na segunda-feira, ele deu o maior escândalo, eu não tou maltratando, ele deu o maior escândalo. Não quis sair de jeito nenhum. Quer dizer, ele eu acho, eu acho que ele me escolheu na verdade, né? [...] Hoje, vai fazer vinte e cinco. [...] (...) é meu filho. E ele sabe que tem essa referência. (...), a preocupação dele sou eu.” (M.V., 60 anos)⁷

Raríssimos foram os entrevistados da pesquisa que apresentaram nas suas construções de vida a presença de um filho. Alguns sinalizaram não somente o desejo de ser pai adotivo, por não desejarem uma relação sexual hetero, como assumiram o desejo da função que recai sobre o papel da mãe. Como existe uma série de representações sobre paternidade, buscam nas suas falas viver a função de pai separadamente das experiências sexuais. Ligam a tentativa de ter um filho a uma posição de normalidade na sociedade se encarada como os mesmos problemas enfrentados pelas famílias monoparentais e reconstituídas.

O surgimento dessa ideia de ser pai vem bem antes de relações com homens, porque eu já tive relações com mulheres. E desde adolescente, eu sempre tive vontade, não é?! No entanto, eu via que não era com aquelas pessoas que eu estava que eu poderia então, é... É então compartilhar esse sentimento, né?! Essa vontade, esse projeto de vida. [...]já tem mais ou menos dois anos que eu preparo o enxoval da criança, já ta pronto, já ta preparado o enxoval, já tem as roupinhas dele, já tem o berço. O berço todo personalizado, com nome, tudo mais, brinquedinhos feitos por mim. Cós...eu costurei todo o enxoval, lençóis, bem. Carrinho de bebê, tenho tudo, né?![...] Em suma, eu me preparei pra ser pai. Ou pãe que eu falo logo, que é pai e mãe ao mesmo tempo. (R.M. C,47 anos.)⁸

Ser gay não é obstáculo para se tornar pai. Os discursos construídos é que levam aos obstáculos. Nos cuidados da criança, a função “materna” para determinados homens gays é indispensável, serve apenas como ajuda. Pensam-se no modelo feminino para a criança como apoio, e este está na empregada, na avó, irmãs e até amigas. A partir do depoimento, pode-se pensar que o desejo aproximou os sujeitos culminando com uma estrutura familiar de identidade de pai e mãe para o adulto, vinculado aos parentes e afins no cuidado do filho. Uziel(2007) chama atenção para o aspecto da criança que mora apenas com um dos pais ter uma configuração familiar próxima a multiparentalidade, logo, o vínculo afetivo se construir com a rede em torno dessa criança.

⁶ Pai homossexual com um filho adotivo. Entrevista 12 de fevereiro de 2009.

⁷ Pai homossexual com um filho guarda consentida. Entrevista 07 de fevereiro de 2009.

⁸ Pai homossexual com um filho adotivo. Entrevista 07 de fevereiro de 2009.

O ato de assumir consiste na manutenção do contato com a criança, na proximidade afetiva e na manutenção financeira. Em três dos entrevistados, as crianças permaneceram morando com as mães, mas procuraram assegurar regularidade na convivência com os filhos, indo buscá-los todos os finais de semana, cuidá-los e saber das dificuldades cognitivas e emocionais que estavam enfrentando na escola, em casa e com os amiguinhos na rua. Além do suporte material e financeiro, precisavam fazer investimentos afetivos na relação pai-filho.

CONCLUSÃO

As análises contidas neste artigo são recortes de entrevistas realizadas durante o mestrado, e evidenciam, através das narrativas, como a filiação para os homens gays se constitui em objeto de debate para a acadêmica, levando em consideração a análise sobre os rígidos esquemas classificatórios dos quais a sociedade decodifica o significado de filiação e paternidade.

As falas dos entrevistados são marcadas de conservadorismo mediante a complexa rede social nos processos de identidade para o homossexual. Não projetar o filho na sua vida ou desejar-lo no papel de pai e de mãe, marcadas na fala dos entrevistados, representa repensar novas maneiras de viver a sexualidade e constituir família, mesmo dentro de uma sociedade marcada por normas heterossexuais de conduta.

Ao contrário do que parecem, os sujeitos da pesquisa preferem ser inseridos no processo classificatório de família, em que o sistema de parentesco lhes dá o verdadeiro sentido de identidade social. O filho aparece nas suas vidas como em qualquer experiência humana, um modelado criado por contextos socioculturais e simbólicos. Sendo assim, tornar-se pai, biológico ou adotivo, acompanha todas as normas e valores marcados pela heterogeneidade constitutiva da sociedade brasileira, mesmo que afirmem em determinados momentos que as condições psicológicas de seus filhos sejam melhores do que as condições psicológicas de filhos de muitos homens considerados “normais”, quando fazem referência aos heterossexuais.

REFERÊNCIAS

BADINTER, E. . **Um é o Outro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

BADINTER, E.. **Um amor conquistado**: o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BELARDINELLI, S. A pluralidade das formas familiares e a família como insubstituível “capital social”. In: BORGES, A. CASTRO, M.G.(Org.). **Família, gênero e gerações**: desafios para as políticas sociais.São Paulo: Paulinas, 2007.

BONI, V.; QUARESMA, S J. **Aprendendo a entrevistar**: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC. vol. 2 nº 1 (3), janeiro-julho/2005, p. 68-80. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a11.pdf>> Acesso: 4/ mar/2009

CARRARA, S. O centro latino-americano em sexualidades e direitos humanos e o “lugar” da homossexualidade. In: GROSSI, M. PBECKER, S; LOSSO, J.C. M.; PORTO, R.M.; MULLER, R de C. (Org.) **Movimentos sociais, educação e sexualidades**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

CASTRO M. G.; MIRANDA, M. B. S.; ALMEIDA, N. O. G. L. de. Juventude, gênero, família e sexualidade. Combinando tradição e modernidade. In: BORGES, Â.; CASTRO M. G. (Org.). **Família, gênero e gerações**: desafios para as políticas sociais. São Paulo: Paulinas, 2007.

FRIDMAN, L. C.. Vertigens pós-modernas: a subjetividade contemporânea. In: **Vertigens pós-modernas**: configurações institucionais contemporâneas. Rio de Janeiro: Relume/Dumará, 2000.

GARCIA, S. M. Conhecer os homens a partir do gênero e para além do gênero. In: ARILHA, M.; RIDENTI, S.; MEDRADO, B. (Orgs.). **Homens e masculinidades**: outras palavras. São Paulo: ECOS/Ed. 34, 1998.

GAUTHIER, J. Z.. **A questão da metáfora, da referência e do sentido em pesquisas qualitativas**: o aporte da sociopoética. Rev. Bras. Educ. [online]. 2004, n. 25, p. 127-142.

GOLDANI, A. M.. **As famílias brasileiras**: mudanças e perspectivas. Caderno de Pesquisa, n.72, p.7-22, 1994.

HURSTEL, F.. **As Novas Fronteiras da Paternidade**. Campinas, São Paulo: Papirus Editora, 1999.

JODELET, D. **O movimento de retorno ao sujeito e a abordagem das representações sociais**. *Soc. estado*. [online]. 2009, vol.24, n.3, pp. 679-712.

MELLO, L. **Novas famílias**: conjugalidade homossexual no Brasil contemporâneo. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

MINAYO, M. C. de S. (org.). **Pesquisa Social**. Petrópolis: Vozes, 1999.

- NOLASCO, S.. A desconstrução do masculino: uma contribuição crítica à análise de gênero. In: Nolasco, S.(org.). **A desconstrução do masculino**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.
- PETRINI, J.C. A relação nupcial no contexto das mudanças familiares. In: JACQUET, C; COSTA, L F (Org.) **Família em mudanças**. São Paulo: Cia. Ilimitada, 2004
- ROUDINESCO, E. **A família em desordem**. RJ: Jorge Zahar Editor, 2003.
- SILVA, T. T. da. **Documentos de identidades**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- SILVA, T. T. da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. SILVA, T. T. da. (Org.), Stuart Haal, Kathryn Woodward. Petrópolis, RJ: vozes, 2000.
- SINGLY, F. de. **Família e individualização**. Rio de Janeiro: FGV, 2000.
- SOUZA FILHO, E.A.de Análise de Representações Sociais. IN: SPINK, M.J. (Org.). **O conhecimento no cotidiano**: as representações sociais na perspectiva da Psicologia Social. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- TARNOVSK, F. L. **Pais assumidos**: adoção e paternidade homossexual no Brasil contemporâneo. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, 2002.
- TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.
- UZIEL, A.P. **Homossexualidade e adoção**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.
- ZAMBRANO, E. **Direito à homoparentalidade**: Cartilha sobre as famílias constituídas por pais homossexuais. Porto Alegre: Vênus, 2006.